

EUROPA,
ATLÂNTICO
E O MUNDO
MOBILIDADES, CRISES,
DINÂMICAS CULTURAIS

PENSAR COM

MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

EUROPE, THE ATLANTIC AND THE WORLD
MOBILITY, CRISES, CULTURAL DYNAMICS

THINKING WITH MARIA MANUELA TAVARES RIBEIRO

COORDENAÇÃO

ISABEL MARIA FREITAS VALENTE

Imprensa da Universidade de Coimbra
Coimbra University Press
2017

REFLEXÕES SOBRE A EUROPA
O CONTRIBUTO DE PORTUGAL PARA A CULTURA EUROPEIA

Isabel Baltazar

Investigadora do CEIS20-UC

E-mail: ibaltazar@fcs.unl.pt

Resumo

Decorridos mais de cinquenta anos após o início da construção europeia propriamente dita, a experiência passada já revelou as virtualidades do percurso escolhido, mas, também, as suas deficiências e insuficiências. A Europa encontra-se numa encruzilhada. É preciso *Pensar a Europa*, como aconselhara Edgar Morin. É a hora dos intelectuais. Parece ter decorrido o tempo suficiente para compreender que só o reavivar do espírito europeu pode animar a construção europeia. Os políticos, juristas e economistas deram o seu contributo. É preciso, agora a intervenção dos intelectuais, das mais diversas áreas do saber. São necessárias ideias para a Europa. Falta dar uma alma à Europa. Qual o papel de Portugal na construção desta identidade europeia?

Palavras-chave: Europa; Construção; Intelectuais; Cultura europeia

Abstract

Past sixty years after the beginning of the European construction, the experience has already showed the potential of this history, but also its problems. Europe is at a crossroads. Thinking about Europe, as Edgar

Morin advised, is the way to find a future. It's time for the intellectuals. There seems to have been sufficient time to understand that only reviving the European spirit can encourage European integration. Politicians, jurists and economists have made their contribution. It is necessary, now the intervention of the intellectuals, of the most diverse areas of knowledge. Ideas are needed for Europe. It is necessary to give Europe a soul. What is Portugal's role in building this European identity?

Keywords: Europe; Construction; Intellectuals; European Culture

Portugal e a Europa: “o diálogo que nos falta”¹

Eduardo Lourenço será aquele que nos nossos tempos mais tem refletido sobre Portugal e a Europa, “ou as duas razões”². Num interessante estudo sobre “Nós e a Europa: ressentimento e fascínio”, a relação é

¹ Este texto nasceu da profunda gratidão à Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro, orientadora do pós-doutoramento em Ciência Política intitulado “A Europa na Diplomacia Portuguesa”, cujas conversas e sábias orientações levaram a um profícuo trabalho sobre a Europa no Arquivo Histórico-Diplomático. Porém, se nestes anos fui formalmente discípula, muitos anos antes já o era assim, de forma informal por todos os seus escritos e conferências que a Doutora Manuela escrevia e proferia e eu, timidamente, ia lendo, escutando e aprendendo todas as palavras proferidas sobre a Europa. A minha área de investigação também convergia para esta Europa, uma Europa refletida a partir de uma perspetiva histórica e cultural. E assim fui escutando os seus ensinamentos sobre Ideia de Europa, Identidade Europeia, Multiculturalismo, Cidadania e Diversidade Cultural. Nestas considerações europeias, Portugal aparecia sempre como o enfoque a partir do qual se podia Pensar a Europa. E foi precisamente nesta perspetiva de Portugal perante a Europa que viria a trabalhar a minha tese de Doutoramento intitulada “Portugal e a Ideia de Europa. Pensamento Contemporâneo”. Durante estes anos, de muita e profunda investigação, não podia deixar de ler os estudos da Doutora Manuela Tavares Ribeiro, por serem uma referência e um ponto de partida fundamental para as minhas reflexões. Neste sentido, acabei por ser muito marcada pela professora, mestre e amiga, para nos encontrarmos no Júri da minha Tese de Doutoramento, sentindo-me uma “formiguinha” com a sua excelente arguição. Muitos anos antes, já ficara impressionada com o seu rigor e profundidade de análise e discussão como arguente da minha tese de mestrado. Em suma, foram mais de vinte anos de contacto com aquela que considero uma das Mestres da minha vida. À Doutora Manuela Tavares Ribeiro dedico estas singelas reflexões, como tributo de homenagem que lhe presto. Bem-haja, Doutora Maria Manuela Tavares Ribeiro!

² Esta expressão faz parte do título da obra de LOURENÇO, Eduardo – *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: INCM, 1994.

apresentada como estranha, disjuntiva, em que dois opostos se tornam complementares: ressentimento e fascínio. É nesta ambiguidade relacional que Eduardo Lourenço caracteriza Portugal perante a Europa. Se por um lado, há a consciência de uma distância e mesmo de uma marginalidade de Portugal em relação à Europa, por outro, há, também, o sentimento de uma pertença. Como diz o autor, “na realidade, não só fomos sempre mais europeus do que nós mesmos podíamos supor, como fora de nós nos tornámos hipereuropeus”³. O europeísmo hegemónico não deixou de visitar Portugal, sobretudo no século XVIII, para atingir a sua justa medida com Garrett ou Herculano. Com Antero e a sua geração a europeização atingiu o seu auge, e, com ela, uma imagem mítica da Europa nasceria. Os seus resultados foram paradoxais, motivando o fascínio, mas, também, o ressentimento. Nessa época, “europeizar, ir ao encontro da Europa, desejar que a *cultura europeia*, enquanto alma dessa luta por mais justiça e dignidade humana, irradiasse e radicasse no sáfaro e lírico terreno lusitano, era buscar a terra da Promissão”⁴. Era o que procurava aquela geração. Mas inventara uma Europa que, afinal, por dentro, também se dilacerava.

Que lugar para Portugal na Europa? Eduardo Lourenço responde sem hesitações: “Portugal é uma componente económica, política e culturalmente modesta para poder pretender infletir ou impregnar o projeto da construção europeia de maneira determinante. Mas Portugal é um pouco maior do que Portugal enquanto passado, ação e memória europeias”⁵. Por isso, como primeiros exilados da Europa, podemos ser os seus medianeiros, “trazer a Europa à Europa. E dessa maneira reconciliarmo-nos, enfim, connosco próprios”⁶. Portugal que esteve séculos fora do espaço europeu, contribui com a experiência da universalidade para a própria

³ *Idem*

⁴ *Idem, ibidem*, p. 32.

⁵ *Idem, ibidem*, p. 35.

⁶ *Idem, ibidem*, p. 37.

Europa: “a nossa nova identidade dentro da Europa não pode prescindir dessa experiência. Faz parte da nossa memória e nós dela”⁷. Portugal e a Europa são demasiado pequenos para o sonho da universalidade⁸.

Um ensaio bem paradigmático sobre o pensamento de Eduardo Lourenço sobre a Europa, foi escrito em 1959, e intitula-se “A Europa e a Morte”. Dedicado a Agostinho da Silva, adota uma máxima de S. Agostinho bem a propósito do tema: “Se dentro de ti uma parte não resiste à outra repara onde está o todo”⁹. Constatando que a Europa é um continente fascinado pela morte, Lourenço encontra nessa escuridão uma virtualidade, explícita no prefácio a outra obra, *Heterodoxia I*: “A heterodoxia é a humildade do espírito, o respeito simples em face da divindade inesgotável do verdadeiro. Resistamos à ilusão de supor que tudo pode ser inundado de luz. Deixaríamos de ver”¹⁰. É nesta atitude de espírito que podemos compreender a “Europa ou o Diálogo que nos falta”¹¹. Que razões se encontram na base da falta de diálogo de Portugal com a Europa? Este texto, escrito em 1949, tem uma resposta: “O mundo da cultura portuguesa arrasta há quatro séculos uma existência crepuscular”¹². Passou à margem da reforma, da criação físico-matemática e da filosofia cartesiana, ficando nos séculos XV e XVI perante o “comentarismo ruminante e estéril”¹³. Mas ninguém pode viver muito tempo sem luz. Rodeados pelas manifestações da técnica, ficámos refratários de uma civilização, vivendo, apenas da sua exterioridade. Faltou o essencial: participar da sua essência, da sua vida interior, da sua cultura. Uma cultura no sentido real,

⁷ LOURENÇO, Eduardo – «Nós e a Europa ou as duas razões». In *Nós e a Europa*, op. cit., p. 65.

⁸ Ver LOURENÇO, Eduardo – «Nós e a Europa ou as duas razões». In *Nós e a Europa*, op. cit., p. 143-155.

⁹ LOURENÇO, Eduardo – «A Europa e a Morte». In *Ocasionais I: 1950-1965*. Lisboa: Regra do Jogo, 1984, p. 25.

¹⁰ LOURENÇO, Eduardo – «Prefácio». In *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 6.

¹¹ *Idem* – «Europa ou o Diálogo que nos falta». In op. cit., p. 7.

¹² *Idem, ibidem*.

¹³ *Idem, ibidem*.

“produção de coisas valiosas e de valores”¹⁴, mesmo que participantes da civilização que, para Spengler, não é contraditória com a cultura. Faltou a consciência da civilização e o sentido alemão de *Kultur*, como “o conjunto do que constitui o objeto do desenvolvimento espiritual da humanidade e corresponde para a humanidade inteira àquilo que é a cultura (*Bildung*) para o homem individual”¹⁵, utilizando a definição de Paul Natorp. A cultura portuguesa teve falta de movimentos religiosos profundos, uma arte original, uma filosofia coerente e uma verdadeira ciência. Vultos como Camões ou Pedro Nunes escapam aquele período cultural, ainda num período plenamente humanista. Outros, como Verney, Herculano, Oliveira Martins ou Antero, são casos isolados, porque realizados à margem da cultura nacional. Os seus esforços não tiveram continuidade, não tiveram ressonância espiritual suficientemente forte para influenciar a *inteligência* do país. Lutando contra a cultura do seu tempo, tiveram que fugir, de si ou dos outros, para viver ou deixar de viver. Percebiam que viviam sobre uma realidade bem inferior mas não desistiram de aproximar Portugal da Europa.

Eduardo Lourenço não deixa de se interrogar sobre “O que é a Europa e a sua cultura? A que Europa é necessário ir?”¹⁶, para constatar a própria ambiguidade da Europa, e que “a realidade cultural da Europa tem hoje a complexidade dos múltiplos apelos que a constituem, apelos e contribuições quase inumeráveis”¹⁷. A própria Europa de hoje é diferente da Europa de Antero, em que o espírito europeu aparecia bem definido. Passados cinquenta anos, a Europa de Pessoa está bem mais fragmentada, quase caoticamente. Que modelo seguir então? Que diálogo de Portugal com uma Europa indefinida?

Portugal só pode regressar à profundidade do diálogo europeu se a Europa também regressar às origens, aos gregos, à liberdade, primeira exigência de um espírito verdadeiramente europeu: “Temos de receber

¹⁴ *Idem, ibidem*, p. 8.

¹⁵ *idem, ibidem*.

¹⁶ *Idem, ibidem*, p. 11.

¹⁷ *idem, ibidem*.

primeiro, para criar depois. Temos sobretudo de realizar o confronto com uma cultura que nos ultrapassa em profundidade e riqueza, confronto sincero e livre para avaliar do que temos e o que nos falta”¹⁸. Falta um diálogo profundo de Portugal com a Europa. Este diálogo não significa deixar de ser português, mas, talvez, ser mais ainda; não significa trocar a alma portuguesa por uma alma europeia. Significa ter, ainda, um outro suplemento de alma, em contraste com outra que torna a própria mais consciente. Foi essa a atitude de movimentos como a *Seara Nova* ou de vultos como António Sérgio. Estabeleceram o diálogo que nos faltava, numa verdadeira relação Portugal-Europa, e não numa relação unilateral de outras gerações posteriores. Diz Lourenço a esse propósito: “o mesmo não sucede com a adesão unilateral da nossa geração a uma conceção de vida incompatível com o diálogo libérrimo, com a crítica impiedosa a todos os fundamentos do saber e da ação, que constituem a condição do progresso do homem europeu”¹⁹. É necessário o regresso ao diálogo original e fecundo de Portugal com a Europa. A consciência dessa necessidade, em liberdade, levará Portugal à Europa. É na Europa que Portugal se encontrará a si próprio para dialogar com os outros.

“Europa e a Alma de Portugal”, por Reinhold Schneider

Reinold Schneider, num artigo intitulado “Europa e a Alma de Portugal”²⁰ considera que Portugal é a mais europeia das nações. Se “falar da Europa é quase impossível”²¹, porque tudo parece já ter sido dito, falar de Portugal na Europa parece a este alemão bem mais original. A princesa fenícia que o deus raptou sob a figura de touro, vive momentos de obscuridade após reunir o Oriente e o Ocidente:

¹⁸ *Idem, ibidem*, pp. 15-16.

¹⁹ *Idem, ibidem*, p. 17.

²⁰ SCHNEIDER, Reinhold – «Europa e a Alma de Portugal». In *Portugal*. Frankfurt: Suhrkamp, 1984.

²¹ *Idem, ibidem*, p. 5.

“Europa – não é o nome de um programa político, militar ou econômico. Tudo isso não bastaria para a sua afirmação; a Europa é um determinado olhar sobre o mundo, para Ocidente e para Oriente, é ocaso e retorno; é a adesão à cultura greco-latina e é contradição. A Europa é um determinado modo de ser, de aceitar contradições, vida contraditória em que contradição transborda.

A Europa é uma comunidade de povos, cada qual com a sua personalidade, com a sua mensagem especial; e só enquanto estes se afirmem como unidade a Europa persiste. É certo que a consciência da unidade tem que ser superior, mas de um grau apenas, ao amor à individualidade... Somos unos na comunidade dos destinos, somos unos no pensar, inquirir e interrogar que nestes anos porventura atingiu os extremos limites; somos unos na obrigação que devemos à mesma ascendência espiritual, a Atenas e Roma”²².

Qual o papel de Portugal nesta Europa? Para este autor, Portugal é um verdadeiro fenómeno europeu. Embora situado no extremo Ocidente, é aqui que se encontra a essência da Europa. É um ponto de fratura: “Portugal, extrema faixa costeira do Ocidente, é, de certo modo, a mais europeia das nações”²³. Toda a sua história mostra isso mesmo, assim como as suas grandes figuras, como Camões, o “poeta do mar”. Portugal teve sempre um espírito de missão. Uma missão ao serviço de todos os povos, em sintonia com o seu espírito universalista. Diz Schneider que “Portugal, em certo sentido, sacrificou o coração ao cumprimento da missão, recuperando-o todavia no grande naufrágio fatídico para todos os povos, único ensejo dado ao homem para se aproximar de Deus”²⁴. A consciência europeia está bem presente em Portugal, desde Camões a Oliveira Martins, Alexandre Herculano ou Antero de Quental. Portugal levou a Europa ao mundo inteiro, “por mares nunca dantes navegados”. E acrescenta este alemão: “Só agora compreendo o olhar que Portugal volve

²² *Idem, ibidem*, pp. 5-7.

²³ *Idem, ibidem*, p. 9.

²⁴ *Idem, ibidem*, p. 13.

para Sudoeste, só agora pressinto uma latinidade exótica, extremamente frágil e vulnerável, que do outro lado do Atlântico sopra nesta direção”²⁵. Lembrando a histórica realização colonizadora de Portugal, salienta, sobretudo, os seus valores anímicos e o seu contributo para a Europa. O seu povo com personalidade única, os seus heróis, como Nun’Álvares, e a sua cor sobre o atlântico, fazem de Portugal uma nação singular:

“Henrique, o Navegador, é quem mais se lhe assemelha na aliança da consciência de missão com a viril eficiência e abnegação. Estive há dias no Cabo de S. Vicente e, à beira dos rochedos batidos pela ressaca, alonguei a vista pela ilimitada vastidão. Eis a típica visão europeia: a Europa sobrepunhando a Europa. É desta visão que devemos viver, se queremos ser europeus.

Porque a Europa sempre a si própria se ultrapassou, impelindo as suas fronteiras; por ânsia de poderio, é certo, mas também por exuberância que tende a derramar-se sobre o mundo e assim a dar algo ao mundo, novos mundos ao mundo, certamente por misteriosa eleição”²⁶.

A Europa não pode ser Europa sem Portugal. As caravelas que partiram nas descobertas para o mundo inteiro regressavam trazendo novas coisas e novas ideias, que não ficavam só em Portugal, influenciando a consciência europeia. A visão do mundo trazida pelos portugueses, Henrique, o navegador, Camões ou Vasco da Gama, modificou a visão europeia. Portugal é um modelo europeu por excelência e um símbolo dos valores europeus. Não é um pequeno povo da Europa. É o depositário dos tesouros europeus que soube herdar e conservar. Portugal representa a Europa. A Europa deixará de existir se deixar de preservar a sua essência tão bem guardada por Portugal. A missão última de Portugal em relação à Europa, será a de “manter a Europa para além dos mares, defender os pilares heráldicos adornados pela cruz – o padrão – nas praias que os seus mensageiros foram os primeiros a pisar.

²⁵ *Idem, ibidem*, p. 17.

²⁶ *Idem, ibidem*, p. 21.

A outra missão de Portugal no mundo é a representação da latinidade luso-brasileira, em unida contraposição ao mundo anglo-americano. Só enquanto ambos vigorarem, vivemos na Europa”²⁷. O essencial é espiritual: só a conservação dos valores europeus poderá levar à paz e a uma Europa Unida. Essa será a sua imortalidade: “a Europa transcendendo a Europa”, tendo como paradigma Portugal²⁸.

Pensar a Europa a partir de Portugal

Muitos outros intelectuais portugueses, durante todo o século XX, foram pensando a relação de Portugal com a Europa, motivada politicamente por razões económicas, mas razão insuficiente para os homens da cultura, por ser demasiado interesseira, e, por isso, muito frágil. A essa fragilidade da futura Comunidade Económica Europeia, a que Portugal viria a aderir, procuraram contrapor razões mais fundas, e, por isso, mais sólidas, para justificar a relação de Portugal com a Europa, a sua posição perante ela e, mais tarde, a sua plena adesão.

Curiosamente, à exceção de vultos como Eduardo Lourenço, as suas palavras passaram despercebidas, ou nem sequer foram ouvidas as posições dos homens da cultura portugueses sobre Portugal e a Europa. Pensadores como Miguel Torga ou Manuel Antunes, conscientes da sua missão civilizadora, não se cansaram de proclamar a necessidade de preservar a identidade nacional, apesar dos fortes ventos economicistas que se faziam sentir. O primeiro desceu à praça pública para cumprir uma missão: “Como cidadão, quero ser o homem comum que compartilha ativamente dos momentos atribulados da coletividade a que pertence... Desde que Portugal é Portugal que os seus homens de cultura desceram a terreiro nas grandes ocasiões”²⁹. Este escritor cumpre, portanto, o seu

²⁷ *Idem, ibidem*, pp. 33-35.

²⁸ *Idem, ibidem*, p. 35.

²⁹ TORGA, Miguel – *Fogo Preso*. Coimbra: Coimbra Editora, 1979, p. 70.

papel anunciando em palestras várias que “cada nação tem um rosto inconfundível”³⁰, que a “babel da Europa”³¹ não pode aglutinar. Na mesma linha, as palavras de Manuel Antunes, a propósito da “Europa: da comunidade económica à comunidade política”³² interrogando-se sobre a possibilidade de uma Nação Europeia e as suas virtualidades: “Será desejável a construção da Nação Europeia? Será possível construir a Nação Europeia?”³³. As respostas são claras e elucidativas: a primeira, pela positiva, acreditando na virtualidade de uma unificação de Estados e de povos, para o crescimento económico, político e cultural da grande Europa; a segunda, tem uma resposta mais duvidosa, acreditando que em teoria é possível a construção de uma nação europeia, mas, na prática, muito difícil de concretizar. Apesar de ser uma espécie de retorno às origens, ao *Imperium Romanum* ou à *Christianitas Medievalis*, e animar muitos europeus, várias dificuldades espreitam, dentro e fora da Europa: “De dentro, opõem-se-lhe, por motivos diversos e antagonistas, nacionalistas e comunistas, tradicionalistas e masoquistas”³⁴. Os primeiros são contrários à formação da “Nação Europeia” pensando que a supranacionalidade pode pôr em risco a própria nação; os segundos consideram-na o adiamento da sociedade ideal; os últimos, receiam a mudança para a federação ou confederação. E assim, os “Estados Unidos da Europa” continuam adiados aguardando a sua oportunidade. Mas, diz Manuel Antunes que “a lentidão é o preço a pagar pela solidez da construção”³⁵. A solução é atuar por etapas, como preconizaram, afinal, os fundadores europeus. Finalmente, o contributo de António Coimbra Martins sobre a relação de Portugal com a Europa, num profundo ensaio

³⁰ *Idem, ibidem*, p. 81.

³¹ *Idem, ibidem*, p. 82.

³² ANTUNES, Manuel – «Europa: da Comunidade Económica à Comunidade Política». In *Repensar a Europa e a Globalização*. Lisboa: Multinova, 2006, pp. 101-111.

³³ *Idem, ibidem*, p. 101.

³⁴ *Idem, ibidem*, p. 107.

³⁵ *Idem, ibidem*, p. 111.

sobre a “Singularidade Portuguesa no Concerto (?) da Europa”³⁶, leva-nos ao tempo de Camões, que já apelava à união dos povos europeus num ideal comum. Envolvidos em lutas fratricidas, eram cristãos como os portugueses ou castelhanos não envolvidos nos conflitos. Mostra o autor que em Camões está presente a relação de Portugal com a Europa: “E está presente esta pergunta: quem somos nós, e o que valem perante a Europa?”³⁷. Somos exemplares perante a Europa. E são os europeus que devem admirar Portugal. A pátria portuguesa perante as guerras europeias aparece como um modelo a seguir. Condena os europeus e mostra as edificações portuguesas: chegar a todas as partes do mundo, navegar todos os mares, “*E, se mais mundo houvera, lá chegara*”³⁸. Mas Portugal continua pequeno, como reconhece a grandeza de alma do poeta. Essa pequenez é tornada grandeza, com as conquistas além-mar, com as navegações pelo mundo inteiro: “Em suma, conquistámos além-mar o lugar que queremos na Europa, a dignidade que necessitamos que nos reconheçam Alemães, Galos, Ítacos, Ingleses. Não pertencemos ao número dos que obedecem. Como os grandes da Europa, pertencemos ao número dos que mandam”³⁹. Portugal mostra à Europa os seus feitos assombrosos. Portugal está ao lado dos Alemães, Galos, Ítacos ou Ingleses. É a “cabeça” da Europa. Durante o domínio filipino não parece ter havido reflexão sobre Portugal e a Europa, retomada na restauração, tendo o seu auge na figura do Padre António Vieira que considera os portugueses como cafres da Europa, mas o povo escolhido para o Quinto Império. Portugal restaurado olha para a Europa, hesitante entre a cultura francesa e a cultura espanhola e peninsular. A primeira ganhará preeminência e a relação entre Portugal e a Europa será feita a partir de uma

³⁶ MARTINS, António Coimbra – «Singularidade Portuguesa no Concerto (?) da Europa». In *Revista Nação e Defesa*, N.º 30, 1984 e pp. 11-38.

³⁷ *Idem, ibidem*, p. 14.

³⁸ Camões, *Lusíadas*, canto 7, oitava 14. Citado por António Coimbra Martins, op. cit., p. 12.

³⁹ *Idem, ibidem*, p. 13.

europização cultural vinda de Paris que motiva a abertura à Europa das luzes. A obra paradigmática deste período é o *Verdadeiro Método de Estudar* de Luís António Verney, que equaciona de forma brilhante a relação Portugal/Europa. O paradigma europeu é de tal forma seguido que, para este autor, Portugal nada sabe, em contraste com a Europa, lugar onde se sabe tudo. Também D. Luís da Cunha reflete com profundidade esta relação no seu *Testamento Político*. A Europa continua a ser o modelo para Portugal, e a europeização continuará na cultura portuguesa, muito particularmente no tempo de D. João V por grande influência de Pombal.

José Sebastião da Silva Dias, na obra *Portugal e a Cultura Europeia*, mostra o isolamento cultural de Portugal:

“Por volta de 1580, quando perdemos a independência, já as linhas mestras do barroco estavam nitidamente traçadas e solidamente estabelecidas. Daí até quase aos fins do século XVII, não houve mais filosofia nem mais ciência em Portugal – pode dizer-se – que a dos tratadistas escolásticos. E pode dizer-se que não houve contactos fecundos com a inteligência de além Pirinéus. O país viveu então um longo período de isolamento cultural – facto que parece não ter passado sem deixar conseqüências na sua história. Tanto quanto se pode concluir do presente estudo, os altos da nossa vida mental coincidem muito de perto com os períodos de mais intensa convivência da lusa gente com o pensamento europeu. Pelo contrário, as depressões acompanham *pari passu* os períodos de concentração nacional da inteligência”⁴⁰.

No século XVIII, a relação Portugal/Europa intensificou-se sem, no entanto, grande reflexão, balançando entre a adesão cega ou resistência conservadora. Mas a Europa estava presente nas preocupações portuguesas. Almeida Garrett carregaria estas preocupações, manifestadas na obra *Portugal na balança da Europa*⁴¹, considerando que não era possível

⁴⁰ DIAS, Silva – «Portugal e a Cultura Europeia». Separata da *Revista Biblos*. Coimbra. 1953, p. 254.

⁴¹ GARRETT, Almeida – *Portugal na balança da Europa*. Lisboa: Livros Horizonte, s. d.

continuar com o mesmo Portugal, sendo necessário reconstruir e salvar a nossa perdida e desconjuntada Pátria, ou seja, de reequilibrar Portugal na Balança da Europa. Essa tarefa seria abraçada pela chamada Geração de 70 que procura a todo o custo europeizar Portugal, e continuada em todo o século XX, e XXI, paralelamente ao esforço desesperado de alguns em conservar a alma pátria.

Portugal nunca deixou de pensar a Europa. Orientado numa ou noutra direção – para o mar ou para terra –, numa atitude de diálogo ou de isolacionismo, esteve sempre atento ao que se passava nessa Europa em que vivia, mas, por vezes, bem distante do ideal europeu. Sobretudo durante a primeira metade do século XX, muitos intelectuais portugueses, sendo paradigmáticos os aqui apresentados, querem aproximar-se dessa alma europeia, ainda tão estranha a Portugal e à própria Europa.

Reflexões finais

A história, como lembra Jacques Le Goff, mostra que em toda a Europa, da Escandinávia à Grécia e a Portugal, existem traços fundamentais de uma mesma cultura e de uma Europa política, que os “euroceticistas” preferem ignorar em nome de uma Europa económica. Sem dúvida que esta economia comum europeia é importante para criar um peso comparável com os Estados Unidos e a China. No entanto, a Europa unida não pode estar suportada sob razões tão materialistas, sob pena do resultado final ser pouco mais do que uma grande zona económica, que pode ser tão rápida a construir quanto a sua destruição. Os verdadeiros europeus olham para bem mais longe. Aliás, o lema “unida na diversidade”, não será o mesmo que Jacques Le Goff aspira quando faz a apologia de “Por uma Europa cultural”?

Como demonstra Eduardo Lourenço, em relação à Europa é “o diálogo que nos falta”, e Portugal pode trazer à Europa a experiência da universalidade. Foi um estrangeiro, Reinhold Schneider, que reconheceu ser Portugal a mais europeia das nações, e ser nesta nação europeia que se encontra a essência da Europa. A Europa não pode ser Europa sem Portugal. Portugal representa a Europa, é a “cabeça da Europa”.

O pessimismo europeu que se instalou na Europa só pode converter-se em otimismo, ou seja, na crença de um futuro europeu, se voltar ao passado, aos fundamentos da identidade europeia, às raízes comuns europeias, para construir a partir desses sólidos alicerces um edifício europeu mais seguro. O presente é elucidativo: uma construção europeia feita de interesses económicos e “legalizada” por tratados é artificial e, por isso mesmo, pouco sólida; um dos fundadores, Jean Monnet, viria a reconhecer isso mesmo, apesar da cautela do “método dos pequenos passos” seguido por Robert Schuman; esses passos foram dados seguindo o caminho mais seguro, a curto prazo, mas, também, com uma esperança de vida mais curta. As raízes da Europa são culturais. É a partir da cultura que será garantida a construção europeia e promissor o seu futuro.

Foi essa a conclusão dos *Encontros para a Cultura na Europa*, em Paris (2005), que pretenderam afirmar a dimensão cultural da Europa, na sequência da *Conferência de Berlim* do ano anterior, intitulada precisamente *Dar uma alma à Europa*. Foi o reconhecimento de que na hierarquia dos valores, a cultura está acima da economia, e, se esta é uma necessidade da vida, são os valores culturais que sustentam a verdadeira vida. Essa já tinha sido a conclusão dos subscritores do *Apelo de Florença*, convencidos que depois da unidade económica e monetária, tinha chegado a hora do pensamento europeu se pronunciar. Para construir uma Europa politicamente unida, antes de mais, era necessário a difusão de um forte pensamento sobre a Europa.

A Europa precisa de uma alma e, para alguns, de um rosto que represente a Europa e que responda a Henry Kissinger quando interpelava: “Se telefonar para a Europa, quem atende?”. Mas, também, muito curiosamente, a Europa tem duas imagens: a imagem de si própria, uma imagem de crise, talvez, de crescimento, e uma imagem que os outros têm de si própria: vista de fora, a Europa parece, quase, a Terra Prometida, ou, pelo menos, como um lugar de paz, cultura, civilização e prosperidade.

É bom lembrar que foram os políticos que assumiram a necessidade cultural da Europa, propondo naquela *Conferência de Berlim* a elabora-

ção de uma “Carta da Cultura”, em apêndice à própria constituição. Depois de Berlim, a ideia não morreu, com a assinatura de uma *Declaração a Favor de uma Carta de Intenções para a Europa e a Cultura*. Os seus signatários são unânimes em reconhecer que a “cultura está na origem da Europa onde vivemos”, e “comprometem-se a fazer da cultura uma prioridade da construção europeia”. Ainda que não saindo do domínio das intenções, é um bom princípio, ou, pelo menos, o reconhecimento de que o processo de integração europeia, para chegar à maturidade, precisa da cultura como chave da sua identidade. Essa cultura não pode, apenas, ser herdada, precisando de ser continuada. É nela que se fundamenta o espírito europeu que não pode morrer, sob pena do fim da própria Europa. Sem as dimensões não materiais, essenciais à vida, a Europa seria um corpo morto, o continente decadente. Em suma, a alma da Europa é a sua cultura, um espírito animado por uma alma, um corpo pensante.

Para além de desesperadamente se procurar uma unidade na diversidade cultural europeia, tão presente em Fernando Pessoa, é o reconhecimento da cultura como elemento fundamental para definir a própria identidade europeia. Sob o lema “Unidos na Diversidade”, a Europa parece ter encontrado a âncora para a sua unidade. A expressão dessa unidade encontra-se na atual *Declaração de Berlim* que recorda os êxitos da UE, os seus valores e os desafios que se apresentam. Mais uma vez, a constatação de que não pode haver construção europeia sem uma Ideia de Europa. No seu preâmbulo, ficou registado o reconhecimento de que “A Europa foi durante séculos uma ideia, uma esperança de entendimento. A esperança tornou-se realidade. A unificação europeia trouxe-nos paz e bem-estar”. A história do passado foi aprendida para a união europeia futura: “A Europa é o nosso futuro comum”. A *Declaração de Berlim*, assinada a propósito das comemorações dos cinquenta anos de construção europeia, é um sinal do esforço apreciável dos responsáveis pela continuidade da Europa, e da sua intenção em aprofundarem a dimensão cultural da comunidade, ontem como hoje, edificada sob doze estrelas em círculo que simbolizam os princípios da unidade, solidarie-

dade e harmonia entre os povos da Europa. É a constatação de que uma verdadeira unidade europeia tem fundamentos espirituais.

Uma *Nova Narrativa para a Europa* foi o mais recente esforço para o envolvimento e participação dos cidadãos, num convite à reflexão, ao debate e à apresentação de ideias que alimentem esta nova narrativa. Este projeto inclui o Corpo e a Mente da Europa, num equilíbrio que garanta a sua vitalidade. A Europa é este estado de espírito fundamentado na sua herança espiritual, filosófica, artística e científica e movido pelas lições da História. É essencial escutar os artistas, intelectuais, cientistas para um aprofundamento do projeto cultural europeu.

Portugal olhou sempre com interesse para a Europa. Mesmo sem estar na Europa. Construir a Europa significa, também, (re)construir Portugal, ou seja, a opção europeia condiciona as opções portuguesas sobre o seu futuro, abrindo, paralelamente um conjunto de novas oportunidades. Mais do que uma opção, a Europa é um destino, ou seja, uma realidade essencial para Portugal. Portugal é Europa, na sua identidade, história e cultura.

A Europa encontra-se numa encruzilhada. Que caminho seguir? Uns pensam que há Europa a mais. Outros consideram que há Europa a menos. Todos procuram um futuro para a Europa. A construção europeia só poderá continuar se tiver como fundamento uma ideia, para além de todas as concretizações económicas ou jurídicas, que lhe garanta um futuro. É preciso ter confiança no futuro. As coisas grandes chegam pouco a pouco. Como reconhecia Jean Monnet, as raízes da comunidade já eram fortes no seu tempo, e acreditava que um dia os *Estados Unidos da Europa* seriam realidade. Não queria antecipar o futuro considerando a mudança imprevisível. Vivía no presente: “amanhã é outro dia... Bastam as dificuldades de cada dia”. Esse amanhã já chegou e os políticos perceberam, finalmente, que é preciso “dar uma alma à Europa”. Robert Schuman já tinha consciência dessa necessidade. Ainda não tinha chegado o tempo da Europa conceber uma alma e de voltar a ser um símbolo de solidariedade universal. A humanidade precisava de olhar para a

Europa e reconhecer na sua unidade cultural, um modelo civilizacional, uma luz para o mundo.

De novo, são os intelectuais que tentam (re)inventar a Europa, afinal, uma “utopia interessante”, como reconhece Eduardo Lourenço, embora seja, também, a “casa da impotência”. A título de exemplo, refiram-se as propostas do cineasta Wim Wenders e do filósofo György Konrád que defendem relançar a ideia europeia pela cultura, o escritor Georgi Gospodinov que julga necessário reinventar o “desejo de Europa”, ou o historiador Timothy Garton Ash que propõe que a nossa nova História seja tecida com seis fios, cada um deles representando um objetivo europeu comum. Estes fios são a paz, a liberdade, a diversidade, o direito, a solidariedade e a prosperidade. Estes fios parecem estar em curto-circuito, entre o desejo de uma super-Europa e a realidade de uma Europa impotente. Entre o sonho e a realidade. É tempo de (re) construir a Europa. Será o tempo dos *Estados Unidos da Europa*? Será o tempo da utopia?

Referências bibliográficas

- ANTUNES, Manuel – «Europa: da Comunidade Económica à Comunidade Política». In *Repensar a Europa e a Globalização*. Lisboa: Multinova, 2006, pp. 101-111.
- DIAS, Silva – «Portugal e a Cultura Europeia». Separata da *Revista Biblos*. Coimbra. 1953, p. 254.
- GARRETT, Almeida – *Portugal na balança da Europa*. Lisboa: Livros Horizonte, s. d.
- LOURENÇO, Eduardo – «A Europa e a Morte». In *Ocasionais I: 1950-1965*. Lisboa: Regra do Jogo, 1984, p. 25.
- LOURENÇO, Eduardo – «Prefácio». In *Heterodoxia I e II*. Lisboa: Assírio e Alvim, 1987, p. 6.
- LOURENÇO, Eduardo – *Nós e a Europa ou as duas razões*. Lisboa: INCM, 1994.
- MARTINS, António Coimbra – «Singularidade Portuguesa no Concerto (?) da Europa». In *Revista Nação e Defesa*, N.º 30, 1984 e pp. 11-38.
- SCHNEIDER, Reinhold – «Europa e a Alma de Portugal». In *Portugal*. Frankfurt: Suhrkamp, 1984.
- TORGA, Miguel – *Fogo Preso*. Coimbra: Coimbra Editora, 1979, p. 70.